



# O Gaiato

6 DE ABRIL DE 1968

ANO XXV — N.º 628 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
 PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARAOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENARI  
 COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

## Doutrina

Foi no «Correio do Vouga» que vimos este texto de Mons. Rodhain, o Secretário Geral do Socorro Francês.

De tão expressivo, de tão oportuno, sempre e especialmente nesta quadra da Quaresma em que convém acentuar a recta ordem decrescente de valor «participação-privação» — não resistimos a transcrevê-lo.

**S**E eu fosse professor de Moral, ensinaria aos futuros Ministros o dever de os Estados ricos de todos os bens ajudarem os Estados famintos.

Se fosse pároco, ensinaria à minha gente que a Quaresma não é somente uma privação, mas também uma participação: Cristo é o pão repartido.

Se fosse jornalista, poria de lado os corações acariados demais, para mostrar ao mundo, finalmente, as crianças sem leite e os países sem pão.

Se fosse um pai de família, levaria os meus filhos, mal completassem os 12 anos, a visitar os velhos abandonados em sótãos que dão para pátios fechados. No ano 2.000 os meus filhos terão 50 anos e, se algum ocupar o lugar de chefe, saberá consolar os infelizes.

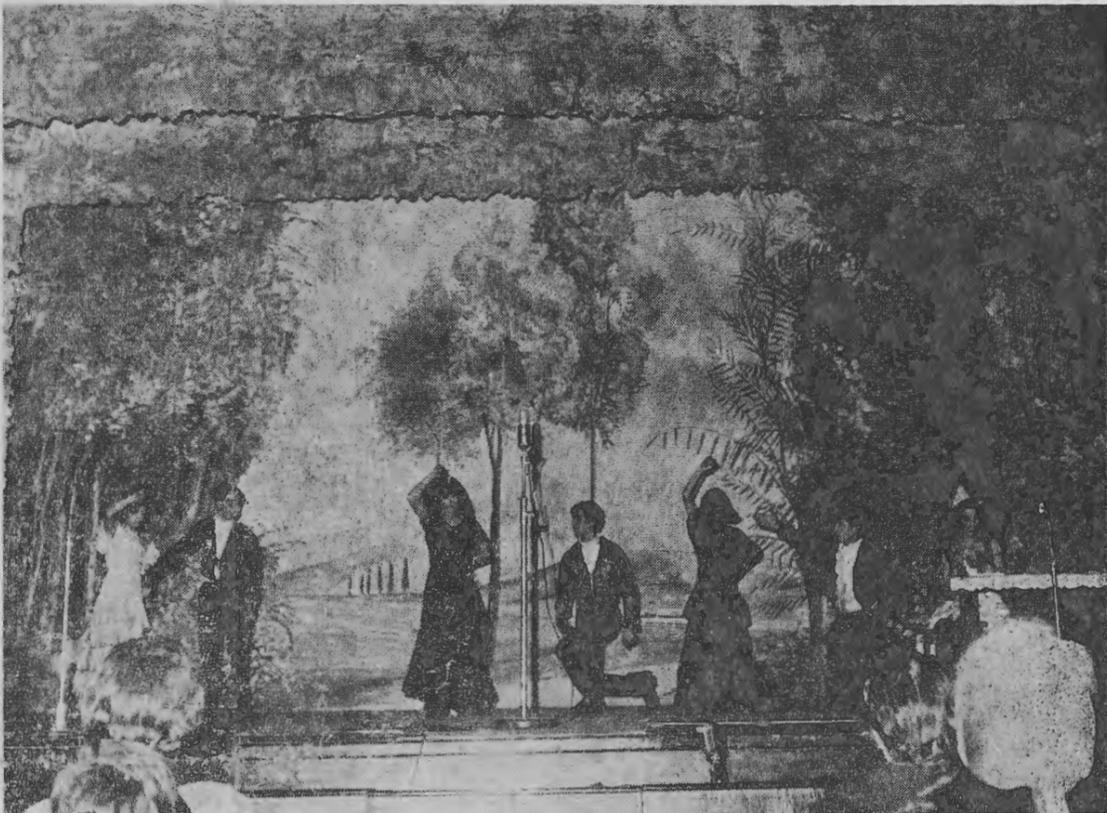
Se tivesse tempo disponível, empregá-lo-ia a ajudar alguma das organizações que trabalham combatendo a fome, no meu bairro ou no meu mundo.

Se tivesse possibilidades, enviaria uma oferta para uma pequena realização.

E se não pudesse fazer nenhuma destas coisas?

Restava-me ainda um tesouro: no momento do «Pai Nosso», eu poderia, em silêncio, parar um instante antes de dizer «o pão nosso de cada dia nos dai hoje». E todas as manhãs, no momento do pão quotidiano, no

Continua na TERCEIRA pág.



## FESTAS

*Ainda não chegámos a meio caminho! E, apesar dos trabalhos e cansaças e o mais que elas geram (sal necessário e indispensável), exultamos já de alegria!*

*Porto, Coimbra, Famalicão, Penafiel, Santo Tirso, Guimarães...*

*Em verdade, não somos só nós que realizamos a Festa. Não! Seríamos profissionais... O ponto principal que a distingue é o intercâmbio familiar, o convívio, a reciprocidade de Vida — o amor que junta famílias distantes, é certo, mas todos no mesmo objectivo: acolher Cristo Jesus que passa, que vive e fica gravado na alma de cada um dos «espectadores» e «artistas». É preciso dizer isto à boca cheia! A nossa Festa, as nossas Festas, são uma autêntica preparação pascal. Salutar veículo de espiritualidade, em palcos onde tantas vezes se espèzinha e escarnece aquilo que o homem tem de mais são e mais santo — a vida do Espírito. Por isso mesmo é que, este ano, não quereríamos deitar fora uma oportunidade excelente de fazer frutificar esta ideia, esta verdade — deixando em todos a santa inquietação que descende da Pobreza, riqueza que emerge das colunas do «Famoso», porta-voz de sangue, suor e lágrimas imerecidas de tantos Pobres, tão ricos, que semeiam Cristo na alma de dezenas e dezenas de milhares de leitores.*

*Não nos move a quantidade. Fosse apenas um que acedesse ao convite — e já valia a pena. A quantidade não interessa. Mas a qualidade. Por isso, aos olhos da matemática os resultados seriam desanimadores. Aceitamos mas é o sim, de quem interiormente diz sim. E os que não se resolvem logo a assinar o «Famoso», ao menos levam já para casa a inquietação.*

*Fui há pouco espreitar a colheita de novos assinantes ainda por regularizar. Vejo deles que não se decidiram logo. Foram para casa ruminar. E só depois compreenderam. E aceitaram. Com outros, a seu lado, haviam feito na cadeira ou no bufet da sala onde actuávamos. Agora são da Família leitora de «O Gaiato». São «actores» e não meros «espectadores». Vivem e convivem de longe, é certo, mas são mais autenticamente da Família da «Obra da Rua».*

*Alma cheia dos frutos que as Festas geram e de muitos outros (a maior parte!) que a gente não vê, nem apalpa, nem ava-*

## Lourenço Marques

Estou a escrever no terraço da nossa Casa, olhando a quinta. É o momento de largar o trabalho. O primeiro a chegar é o Zé Alberto. Vem da sua oficina improvisada de carpintaria, onde agora, com uma máquina que nos emprestaram, faz rede para os aviários e pocilgas.

Chegaram há pouco da escola, os dois mais pequenos. Vieram com os cadernos abertos, mostrar-me o trabalho do dia. O do Armando é uma cadeia de rabiscos onde não distingo uma letra. No do João consigo ler algumas palavras; outras pergunto o que seja e ele não sabe. Fico triste.

O Bino está ali, por baixo do maracujá, a fazer uma balalaica para o Quim. Vestiu-a e veio mostrar se fica bem. Esta atenção para comigo é a retribuição doutra que tive para com ele há bocado. Quis adoçar-me a boca a ver se me leva. É uma viola que ele quer.

O Renato veio pôr-se muito perto de mim a ler uma revista das que nos têm mandado para eles. Rescende a refugado. Diz-me que a Elisa mandou fazer carne guisada com arroz. Ela foi ao médico com a Paulinha e ele não sabe

Continua na TERCEIRA pág.

Continua 1.a TERCEIRA pág.

Já tinha saudades do convívio que me proporciona cada saída da **Procissão**. Ao retirar do grande sobrescrito as mensagens que ali se vão guardando ao longo do tempo à espera de classificação, vou reconhecendo as letras, adivinhando os dizeres — e estabelece-se um autêntico diálogo ainda que as palavras não soem fora da minha alma. Por isso, em discordância do meu Chefe — também o nosso compositor-mor — que se agonia com a composição desta prosa por via de muitos números e tipos, eu gosto muito do **Agora**. Há sempre umas presenças novas, em cada saída, mas o forte das comparências vem de um grupo já enraizado que também lhe tomou o gosto e creio que dificilmente deixará de aparecer. Quem dera que este grupo se alargasse e, no hábito bom de olhar e sentir as urgências

# A G O R A

do Próximo, pudéssemos, de mãos unidas, continuar sempre a responder a esta necessidade fundamental de uma habitação digna que falta a tantos milhares de Famílias por esse mundo além e em volta de nós.

x x x

Abre a **Procissão**, o grupo dos **Avulsos**, precisamente o que desejávamos que perseverasse e se juntasse aos que muitas vezes aqui aparecem.

É alguém que deixou no Lar 500\$. E cinco vezes mais vindos não sei de onde. Mais 20\$ de alguém que ainda não esqueceu a velha campanha dos 30.000x20=50 casas. Que boa e santa memória! De um funcionário de um Banco onde, de alto a baixo, somos sempre bem acolhidos, 2.679\$60. Mais 400\$ de promessa; e 20\$ da Rua de Vera Cruz, e 50\$ de Álvaro; e o dobro de Isolino, de Arcos de Valdevez.

Segue-se o grupo dos que concorrem em comum para a mesma casa. Também nestes são sempre os mesmos que aparecem, embora alguns títulos, como por exemplo o da **Casa dos Licenciados**, seja chamariz que abrigaria de boa mente os milhares de doutores que há neste país.

Para esta dita Casa 2 vezes 150\$ do mesmo licenciado.

Para a **Casa de N. S.º do Carmo**, 40\$ do Porto; mais 120\$00 («Abril a Outubro») não sei de onde; mais «o último semestre, com um mês de atraso, pois devia ter sido remetido a 20 de Outubro, dia do aniversário do nosso casamento». E junta-se esta prece, cheia de sabedoria e de desejo, de quem olha para trás afim de se orientar melhor no futuro: «Peça ao Senhor, a graça de transformar a nossa casa num lar e de nos fazer mais modestos de ambições, afim de sermos mais felizes e mais no Seu caminho».

Mais informamos que a **Casa de N. S.º do Carmo** fica em 2.907\$50.

Neste grupo surge ainda a **Casa de N. S.º da Conceição** com 40\$ e este desabafo: «Causa-me grande desgosto que ainda não tenha sido edificada, pois já há 10 anos que foi iniciada. Se todos lessem o jornal com o sentido espiritual, quanto bem se não faria neste velho e nobre Portugal!»

Para compensar um pouco este desgosto, mais uma vez se esclarece que nós não guardamos o dinheiro à espera da totalidade para fazer uma casa; mas que tudo que chega, anda logo ao serviço do movimento de construção; e só o pôr da placa — que é o menos! — fica para o fim.

Passam agora os de todos os meses. É a Maria do «Pequeno Louvre». São Berta e Jorge, 4 vezes. É a presença tripla da que pede «1 A. M. pela conversão de um chefe de família». É o Sr. «Major do Silêncio» que exclama a sua «alegria pelo crescimento da Vossa caridosa Obra em Angola e Moçambique. Se Deus quiser, esse crescimento será um motivo e ajuda para a paz naquelas nossas terras». Quem dera que todos os militares e aqueles que põem na espada toda a sua esperança, assim pensassem, dinamicamente! Fecha este pequeno grupo a Odete, de Viseu

com 120\$ — «prestação de Julho a Dezembro».

É agora a vez de outra corporação de todos os meses, esta marca distintiva: de se apresentarem colectivamente como **Pessoal de determinada Empresa**. O da Caixa Textil traz 275\$, mais 200\$, mais 303\$, mais 302\$. E não tenho deles mais notícias depois de Janeiro. O do Grémio da Panificação do Porto 675\$, + 162\$50, + 320\$. O da HICA, 1.718\$80, mais 1.727\$90, mais 1.718\$20, mais 1.825\$70, mais 1.725\$70.

Como é já tradição a Administração da HICA secundou o seu Pessoal com cotização igual à dele. Pelo 2.º semestre de 1967: 10.407\$50.

Terminam a saída de hoje os das Casas por inteiro. Doze contos para a **Casa da Imaculada Conceição**. O dobro, «meu habitual donativo do Natal» de quem, há muitos anos, vem começar o Ano Novo em acção de graças de Caridade. Mais 16 contos de um casal com 4 filhos e um grande coração. E 15 de José Alberto e Esposa. Doze, entregue aqui ao nosso Chefe no dia de Natal passado pelo «Desconhecido» que eu tanto gostava de conhecer. Outro tanto de Serpa. A Missa que pedia foi celebrada.

Por morte de uma Senhora do Porto recebemos do seu testamenteiro, 13 títulos que renderam 11.685\$70.



## Auto- Construção

Uma grande parte da humanidade viveu e vive pobremente. A história diz-nos que foi assim; os factos, que em todos os países observamos, também nos dizem que é assim. E quem vê o seu povo, quem vê a sua terra vê o mundo inteiro. Frequentemente, com fins inconfessáveis, diz-se que noutros povos se vive muito bem. Nem sempre há conhecimento objectivo e verdade nessas afirmações. Os que viajam, com qualidades de observação, encontram muita pobreza em toda a parte. E, quando vemos a influência que habitualmente a riqueza exerce no homem, dá vontade de cantar um hino de acção de graças pelo facto acima indicado. É que a pobreza, quando se junta à educação, quando acompanhada da compreensão alheia, transforma-se numa força de um valor extraordinário. O pobre que for educado, amado, compreendido e ajudado poderá ser o maior factor de progresso. Ele se sacrificará, ele se esforçará com esse sacrifício e com esse esforço toda a humanidade ganhará. Pobres sempre os tereis — disse Cristo. E ainda bem. Paradoxalmente a humanidade ficaria imensamente mais pobre se os Pobres deixassem de existir. Terá aqui uma explicação a queda de todos os grandes impérios. Benditos os Pobres que tornam rica a humanidade. Não é um jogo de palavras, mas sim a vida concreta das famílias e das nações. Mas o que tem acontecido e, por causa dos nossos pecados, acontece é que os Pobres são abandonados, esquecidos e, quantas vezes espoliados. Não

os educámos, não os soubemos amar. Ignorámos o seu valor e a sua altíssima função na vida. Não nos associámos a eles nem os associámos a nós. Num orgulho louco, julgámos que a nossa riqueza nos bastava, esquecendo quão depressa o pão ganha bolor, quão depressa a carne cheira mal e até quão depressa o dinheiro perde o valor. Confiámos muito mais nas coisas que no homem. Teria sido um pecado imperdoável, se para alguém não houvesse perdão. A melhor quinta, sem trabalhadores, num ano se estraga e o palácio mais bem construído depressa precisa de reparação e a máquina mais perfeita vai frequentemente à oficina. Mas, se é assim, nós precisamos que os homens sejam válidos, competentes, saudáveis, empreendedores e que, por isso, não caiam na miséria que é a negação de todas estas qualidades humanas. Deixar cair legiões de Pobres na miséria será o maior crime que uma sociedade pode cometer. Nenhuma sociedade seria mais infeliz que a dividida entre multimilionários e miseráveis. Mas o equilíbrio não virá por meio dum decreto, ou de uma revolução exterior. Cada indivíduo e cada família é que terão de se persuadir que não devem cair eles mesmos nem deixar cair os outros na miséria e que os bens sem inteligência e consciência causam directamente o empobrecimento humano.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



No meu último artigo, uma antipática gralha fez mudar o sentido a um período! Eu não disse só por volta das 14 pude almoçar, mas só por volta das 14 pude abancar. Assim já se entende doutro modo o parêntese que segue...

Não foi por acaso que me escapou este pormenor, a respeito do nosso mobiliário, mas com a intenção de deixar perceber que ninguém deve tomar o caminho desta Casa à procura de grandes comodidades ou dum lugarzinho agradável e tranquilo, sem problemas, onde possa quedar-se, a viver do passado ou a curar-se dos muitos desenganos que a vida traz.

Não! Com tal espírito ninguém venha, que a esperaria uma grande desilusão, a reundar com prejuízo para a Obra e desorientação para as Raparigas com que teria de contactar.

Tem sido bem dura a experiência que me faz ver a necessidade de assim falar...

Posto isto, vamos à nota de presenças, que há tanto tempo não sai, para tomarmos conhecimento de que continuam a faltar aqueles 35 contos, que pessoa Amiga nos adiantou, para que pudéssemos respeitar o prazo de liquidação da nossa dívida.

Recebemos todas as quotas dos nossos sócios de Viseu. Quem dera que fossem mais, já que esta forma de contribuição é a preferida da maior parte dos Visienses. Quem ajuda a aumentar o seu número?

Mas também por outras terras há quem tenha tomado a decisão de impôr regularidade ao belo gesto de estender a mão aos que precisam.

Assim, Maria Cecília e Marido, de Braga, nunca faltam com 50\$00 mensais, acrescidos, pelo Natal, de mais 150\$. Helena e Amiga, de Lisboa, com mil mensais e mais 5 mil pelo Natal. Anónimo, também da

Capital, com 200\$ mensais, de quando um vez bastante aumentados.

«O Sobrevivente do Casal R. D.» aparece sempre, a marcar as datas festivas e em sufrágio da alma da Esposa. Mil escudos como «oferta dum Abade do Norte». Donativo de S. João da Madeira. 100\$ duma Amiga de Oliveira, com promessa de orações, de que todos precisamos. Metade de Cândida Maria.

Também a Mãe Irene nos não esqueceu pelo Natal, como é costume. 1.500\$ em cheque, renda de um andar, enviada todos os anos, por um Casal de Lisboa. Outro de 500\$, do Padrinho João. Que nos perdoe tão grande silêncio.

Vales de 50\$, de Maria do Céu, de Lisboa e de Alda, do Porto. Desta mesma cidade, mais dois de 50\$, de Maria José. De 100\$, de Eugénio, da Figueira da Foz e de Gina Maria, de Lisboa. Um de 150\$, de Maria Emília, de Lisboa.

Da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, três de 110\$, 350\$ e 2.280\$, totais de donativos ali recebidos para esta Casa.

Boa Amiga do Gavião enviou mais 50\$ e «pede a Deus suscite vocações para Belém». É, efectivamente, esta a grande necessidade da Obra. Deus a ouça!

De muitas aplicadas numa fábrica, entregaram-nos 68\$30. A Avó de Moscovide voltou com 50\$ e a Maria da Glória, do Porto, com 200\$. Dos Serviços Hidráulicos de Elvas, a costumada nota de todos os anos. Também os Senhores Cónegos Lino e Martins nos não esqueceram, no passado Natal.

Agora Castelo Branco, com um donativo para a consoada.



Cont. da PRIMEIRA página

como se faz. Eu a falar a verdade também não, mas pergunto-lhe se já fez carne guisada com massa, que deve ser a mesma coisa trocando esta por arroz. Neste momento passou o Amériquito a correr. Esteve no escritório a pôr em dia a conta corrente dos mais velhos e há bocado veio trazer para conferir. Agora, como os seus cuidados são diversos, foi tratar dos pintos. Eram cem, quando a Sal Produtos os ofereceu, mas a inexperience de os meter na criadeira que nos veio de Inharri-me, sem mais aquelas, fez que vinte deles ficassem com as penas tenrinhas esfaceladas na rede e morreram. Pois Amériquito foi ao seu trabalho e

# LOURENÇO MARQUES

enquanto o acompanho com o olhar vejo ao longe o outro Américo a gradar o terreno. E o primeiro trabalho dum grade que comprámos na Steia e vamos pagar em prestações mensais. «Aquilo basta passar uma vez só pra ficar bom», disse-me ele ao almoço. Pois é mas eu não pude pagá-la dum vez só porque a nossa sementeira em Moçambique demora a dar os seus frutos. E ele lá anda, envolto numa núvem de poeira. Amanhã, ele é que vai

dirigir o trabalho, enquanto com o Júlio vamos ao Sábile buscar seis novilhas que o sr. Secretário de Terras e Povoamento nos ofertou, e bater a mais alguma porta pelo caminho. Amanhã, digo, o nosso pessoal do campo, a passar de cinquenta homens, vai semear feijão. É um trabalho manual da forma mais primitiva, por não termos ainda semeado. Será a primeira sementeira em esperança lançada à terra que, até aqui, nos tem dado mil cui-

dados para a libertar de excessos e pôr em condição de nos alentar o ânimo com a fertilidade do seu seio abençoado por Deus.

Virei-me agora para mudar de posição incômoda e vejo ao fundo as duas casas já acabadas e habitadas, dos nossos ca-sais colaboradores. Graças a Deus que têm o seu lar acolhedor e belo onde se sentem felizes. Porém um espinho fere este meu gozar do panorama. É que ainda devemos duas centenas ao empreiteiro. E a outra centena entregue veio-nos de Paço de Sousa, da Casa Mãe da Obra.

Ao meio delas fica o portão. Estive lá no princípio da tarde. Sábado tiraremos as escoras da placa. Falta revestir as colunas com pedra, mas a Agene já a

ofereceu. Depois é o gradeamento que não é para fechar mas estar sempre aberto. É o símbolo da nossa vida sempre aberta a tudo e a todos os que nos querem por causa daqueles a quem queremos.

Padre José Maria

Visado pela  
Comissão de Censura

## Crónica de Malanje

VENDA — Não tem corrido muito bem em Malanje. Alguns esquecem-se e rejeitam o jornal.

Meditem os leitores que o Gaiato que anda a vender o jornal tem uma família de 40 rapazes em casa. Quando vendemos o jornal não pedimos esmola, porque o jornal é fruto do nosso trabalho. É escrito por nós, impresso por nós e dobrado por nós.

Em Salazar a venda tem melhorado e é sempre com simpatia que recebem o nosso vendedor.

OBRAS — Mais outra casa que está quase pronta.

É bonito ver uma paisagem destas, mas mais bonito se tornaria se todos contribuíssem: — Estes rapazes estão a viver numa casa, para a qual eu dei tijolo, telha, areia, cimento, tintas, vidros, etc.

Esta está quase pronta, mas ainda faltam os acabamentos, por isso ainda podem fazer e dizer o que eu disse, oferecendo o que está citado.

INSTRUMENTOS — É de deitar as mãos à cabeça quando se pensa neles. Nós queremos, o Snr. Padre quer, todos quebrem, e nada há. Como havemos de arranjar? Com certeza pedindo aos leitores uma ajuda. Um dá 50, outro dá 100, outro dá 300, e assim é que se vai arranjando maneira. Mas também se pode ajudar, mesmo sem dinheiro, dando alguns instrumentos usados e que não façam falta aos leitores.

E assim termino, agradecendo a quem nos compreendeu.

Manuel Fernandes

# Cantinho dos Rapazes

O Evangelho de hoje fala do pão, da multiplicação dos pães. Nós repensámo-lo à luz do cuidado do Mestre: «Onde havemos de comprar pão para que eles tenham que comer?» E concluímos que também a cada um de nós cabe o cuida-

do do pão dos outros, mesmo que lho não devamos por justiça legal — como Jesus nada devia a «grande multidão que vinha ter com Ele».

O relato evangélico prossegue e, no fim da milagrosa refeição, «quando todos ficaram saciados, disse Jesus aos discípulos: Recolhei os pedaços que sobraram para que nada se perca».

Neste pormenor não costumamos reparar. E, no entanto — como tudo no Evangelho, onde não há palavras vãs — é bom que reparemos.

Com cinco pães tinha o Senhor saciado «cerca de cinco mil homens». Parece-nos: — que importância mereciam os restos, que «encheram doze cestos»? Pois não bastava a Jesus um só daqueles pedaços para de novo saciar a fome a outros cinco mil?!

É verdade que sim. Porém, Deus todo-poderoso não é um deus milagreiro. O milagre entra na economia da Salvação para que por um acto de efeito imediato da Caridade de

Deus para com os homens (matar a fome, curar doentes, acalmar tempestades, restituir a vida...) estes possam reconhecer mais facilmente a divindade de Jesus, o Único que salva aqueles que nEle crêem e querem ser salvos.

Por isso Jesus usa economicamente o milagre. A Palavra da Vida que é e nos revela;

## Doutrina

Cont. da PRIMEIRA página

meu íntimo, profundamente, medir com o coração o langor do mundo sem pão, a largueza dos braços abertos pelo Pai celeste e a profundidade da Sua caridade. E então rezar, rezar até que a Caridade do Pai se nos abraisse inteiramente, com aquele calor do forno onde se coze o pão, o pão repartido.

De «Velha Amiga», vale de 50\$. Maria Antonieta, de Lisboa, com 500\$. Fernanda, de Setúbal e «uma portuense» qual-quer, enviaram 50\$ cada. Isabel, de Coimbra, Albina, do Porto e Guida, de Lisboa, enviaram 20\$ cada.

100\$ «duma professora de Serpa» e metade dos Armazéns António das Águas de Viseu.

De vários pontos do País, umas pelos C. T. T., outras por mão própria e ainda outras por intermédio de Paço de Sousa e Miranda, chegaram encomendas com tecidos, cobertores, roupas, calçado, linhas e brinquedos. A Fundação Godinho de Campos enviou sementes de flores. O Rotary Club de Viseu ofereceu cobertores.

Pelo Natal recebemos ainda um donativo de 1.000\$, da Companhia Nacional de Electricidade.

Um subsídio de 10 mil escudos do Governo Civil de Viseu. Outro de 2 contos e meio da Comissão Municipal de Assistência.

E, se algo ficou por apontar, que nos perdoem os interessados!

Assim, pudemos pôr de parte 35 contos, ficando a nossa dívida reduzida a:

70.000\$00  
— 35.000\$00  
35.000\$00

Demos graças a Deus e bem-hajam!

Inês — Belém — Viseu



## Uma Carta

«Resolvi escrever para ver se conseguia o que desejo.

Eu sou uma pobre rapariga que anda a servir. Estive em casa dum senhor que assinava o jornal «O Gaiato» que desde o primeiro que li me impressionou. E fiquei a gostar de o ler. Mas saí de lá e estou numa terra onde não se vende o jornal. E gostava de assistir às festas que realizam. Mas como é à noite e não há meio de transporte para aqui, não posso ir, o que me deixa muita pena».

# FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

lia — nem deve! — porque são os melhores e mais proveitosos, não vou desbobinar mais.

Assim, e indo ao encontro do desejo expresso de todos os nossos, do sul ao norte, os senhores e as senhoras que nos lêem façam o favor de botar os olhos pela carreira de anúncios de salas e terras por onde a gente ainda vai passar. Fixem as datas! E apareçam com o vosso calor. E revelem aos amigos e familiares

a notícia alegre da nossa passagem. E seduzam os mortigos! E os que ainda desconhecem a «Obra da Rua»! Para que a primeira Festa deles seja aperitivo. E as seguintes, um lauto banquete. O mundo, inquieto como anda, precisa de quem se inquiete. Esta é a Hora. Vamos prá frente! Fixem as datas, repetimos, e marquem presença em cheio. Como aliás tem sido e, se Deus quiser, continuará a ser.

Júlio Mendes



# Festas

# PELAS CASAS DO GAIATO

## EM ABRIL

DIA 14  
às 21,30 h.

Casa do Povo Azeitão

DIA 16  
às 21,30 h.

Cine Teatro de Ovar

DIA 19  
às 21,30 h.

Teatro Aveirense  
Aveiro

DIA 20  
às 21,30 h.

Cine Teatro da Lousã  
Bilhetes à venda nas bilheteiras  
e na Casa Havanesa.

DIA 21  
às 21,30 h.

Incrível Almadense  
Almada

DIA 22  
às 21,30 h.

Cine Teatro de Tomar

DIA 24  
às 21,30 h.

Luísa Tody — Setúbal

Dias úteis: Papelaria Campos,  
Largo da Misericórdia; Lar do  
Gaiato, Av. Luísa Tody, 38,  
Telef. 24620; Oficinas da Casa  
do Gaiato, Largo das Areias, Tel.  
23054. E todos os dias nas bi-  
lheteiras do Luísa Tody.

DIA 25  
às 18,30 h.

Monumental — Lisboa

Bilhetes à venda: Ourivesaria 13,  
Rua da Palma, 13, Telef. 861939;  
Montepio Geral, Rua do Ouro,  
241, Telef. 361555; Franco Gra-  
vador, Rua da Vitória, 40, Telef.  
361406; Casa do Gaiato — Tojal  
— Loures, Telef. 2539019; Lar

do Gaiato, Rua Ricardo Espírito  
Santo, 8 r/c Dto., Telef. 666333  
(15 dias antes do espectáculo).

DIA 26  
às 21,30 h.

Casino da Figueira da Foz

DIA 28  
às 18,30 h.

COLISEU DO PORTO

Bilhetes à venda — dias úteis: Es-  
pelho da Moda, Rua dos Clérigos, 54;  
todos os dias: bilheteiras do Coliseu  
do Porto.

DIA 28  
às 21,30 h.

Humanitária de Palmela

DIA 29  
às 21,30 h.

Cine Teatro da Covilhã

Bilhetes à venda na bilheteira e  
Jerónimo dos Santos - Seguros.

DIA 30  
às 21,30 h.

Cine Teatro da Gardunha  
Fundão

DIA 30  
às 21,30 h.

Cine Teatro de Montijo

## EM MAIO

DIA 1  
às 21,30 h.

Cine Teatro Avenida  
Castelo Branco

Bilhetes à venda nas bilheteiras,  
na Casa Pinto e nas Papelarias  
Semedo e Elias Garcia.

## Paço de Sousa

Vai algum tempo, em que, este can-  
tinho não tem aparecido. E como es-  
te, trata das coisas simples e casei-  
ras... Aqui está.

Apareceu aqui, vai também algum  
tempo, um exemplo de que foi alvo  
o nosso Manuel Songa. E é precisa-  
mente dele, da sua ponderação re-  
flectida no exemplo expresso nas mais  
pequenas coisas que, mais uma vez,  
ele afluíu.

Foi depois do nosso terço. Sr. Pa-  
dre Abraão, quis dizer por boca do  
Manuel Songa do carinho com que  
ele tratava um dos mais pequenos.  
Depois em tom de brincadeira: «Pe-  
los vistos, andam todos de luto. Pois  
trazem as unhas de preto». Reparem  
nas dele. É de facto surpreendente, co-  
mo na sua inocência, Manuel Songa,  
consegue exemplos que, (mesmo pe-  
quenos que sejam) fazem meditar.

Notícias recentes — São as che-  
gadas dos nossos tropas. Veio o nosso  
Júlio da Silva, ex-«Tira Olhos», mais  
o António Moreira «Carpinteiro» e o  
Francisco Félix «Chico dos Teares».  
Houve alegria, muita alegria pela sua  
chegada.

A tipografia está airosa — Depois  
do acordo, (quanto ao corte dos pi-  
cos que ficavam defronte dela), pare-  
ce outra. Alberto está contente, pois  
a tipografia ganhou terreno. E a ave-  
nida que passa na frente, está mais  
ampla, mais transitável.

José Ferreira

## Lar do Porto

Não sei bem há quanto tempo vem  
sendo publicada esta crónica.

Depois de uma ronda por todos os  
habitantes do Lar chegou a minha vez.

Hesitei entre o sim e o não, mas  
por fim acedi, embora com um pou-  
co de incapacidade intelectual de po-  
der exprimir-me perante os queridos  
leitores.

Senti-me forte. Não quis sentir-me  
diminuído perante os outros, por isso  
mesmo aqui estou a contar-vos peri-  
pécias ocorridas no nosso Lar.

ESTUDANTES — O período está  
no fim. Quantas negativas? Que po-  
sitivas irão além?

Vontade de ostentarmos tesouros  
de devido esplendor teríamos nós.  
Mas trabalhámos realmente para  
isso?

A estátua foi esculpida com toda  
a dedicação e amor ao trabalho. Que  
obra de arte!...

A seara foi mal adubada.

Que esperar? Más colheitas, evi-  
dentemente.

Teriam sido estes três meses reve-  
ladores de trabalho a pino?

A consciência o dirá. A derrota su-  
cumbir-nos-á; a vitória, essa elevar-  
nos-á ao topo da classificação, onde  
exibiremos triunfalmente o troféu  
conquistado.

Desejo aos estudantes leitores que  
tenham boas notas e uma Páscoa feliz.

António Zeferino Neto



A Família cresce com mais este  
enlace do Fernando e Maria de  
Lourdes.



A ausência de Padre Carlos  
por 4 meses nas terras do Ul-  
tramar, não nos permitiu a  
periódica visita ao Barredo.

No Natal não marcámos pre-  
sença.

Aspiramos ter no Barredo  
um Natal com 365 dias por ano  
e não só de uma vez por ele.

Por amor disto temos pen-  
sado muito na maneira de o  
conseguir. No Barredo gastam-  
se tantos milhares de escu-  
dos; anda tanta gente genero-  
sa e abnegada a deixar por lá  
as suas energias e os de boa  
vontade não se escusam do au-  
xílio aos irmãos mais necessi-  
tados.

O Barredo, porém, continua  
a ser terra «de Heróis e San-  
tos»... e parasitas também...  
Estes, mor das vezes, comen-  
do o grande bolo por causa da  
fragilidade do coração de quem  
o dá. Sabem contar histórias  
«de comover pedras» e comem  
o bolo. Os que não sabem con-  
tar ou têm vergonha de o fa-  
zer ou mendigar, ficam portas  
adentro com sua miséria e tra-  
gédia. Pensando em tudo isto  
e nos mais variados problemas  
de ordem humana do Barredo,  
lançamos sinal de alarme para  
que nos reunamos todos os que  
por lá andamos («fazendo o  
bem» e nos unamos para o fa-  
zer de facto e não o desfazer.

Organismos oficiais, Pároco,  
Centro Social e Conferências  
Vicentinas já se encontraram  
para reflectir sobre a forma de  
dar ao Barredo um Natal com  
365 dias. O mesmo é dizer:  
Para que no Barredo a Páscoa  
do Senhor seja uma realidade  
permanente.

Se andas no Barredo e queres  
colaborar nesta Ressurreição,  
levanta o dedo.

Padre Abraão



Mister Kiss e D. Mafalda; uma idealização do Zé Ferreira a que  
Rui e Júlio deram vida.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.  
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE